

Resenha do livro “Sonhos de Einstein”

Autor Alan Lightman

103 páginas

Ano de publicação 1993

Ano de edição 2014

Editadora Companhia das Letras

Evelyeze Garioli Louzada¹

“Somos feitos da mesma matéria dos sonhos,
e nossa pequena vida é cercada pelo sono”.

Disse Próspero,

em *A Tempestade*, escrita por Shakespeare.

Alan Lightman, renomado professor de física, realizou seu doutorado com o ganhador do Prêmio Nobel de 2017. O que um pesquisador sobre o buraco negro nos teria a falar sobre os sonhos?

O título do livro me atraiu, justamente, por tratar de algo caro à psicanálise. Assim, para escrever a resenha do livro, lançarei mão de algumas orientações propostas por Freud (1900/2001), em *Interpretação dos Sonhos*, para a análise de sonhos: fragmentar os conteúdos do livro, como os de um sonho; em seguida, ligar cada fragmento por meio da associação livre ou de analogias; e, posteriormente, organizar as ideias em torno de certos temas.

Sonhos de Einstein é apresentado como um diário, no qual cada capítulo apresenta relatos de ‘possibilidades de mundos’. Em um deles, há “um mundo em que o tempo era um círculo fechado sobre si mesmo. O mundo se repete, de forma precisa e infinitamente. No mundo em que o tempo é um

1. Membro Provisório do Instituto de Formação da SBPRJ.

círculo, cada aperto de mão, cada beijo, cada nascimento, cada palavra serão precisamente repetidos” (p.8-9).

Em outro, existe “um mundo em que o tempo fica parado. Pingos de chuva permanecem inertes no ar. Pêndulos de relógios estacionam no meio do seu ciclo. Cães empinam seus focinhos em uivos silenciosos” (p.41). Cada um destes ‘mundos’ aparentemente apartados entre si, estanques, às vezes como em dissenso, sem uma relação óbvia entre si, provoca, sorratamente, uma sensação de desordem. Penso que essa aleatoriedade nos aproxima do que Freud descreve como característico da estrutura dos sonhos. Ademais, os relatos são concisos e de uma densidade semelhante ao processo de condensações ao qual os sonhos são submetidos. Diante disso, o leitor é instigado a usar a sua criatividade e sua imaginação para estabelecer pontes e ligações entre os distintos ‘cada dia’ e os mundos diferentes neles descritos. Estes, ao mesmo tempo que familiares e estranhos, de sutil e intensa carga afetiva, provocam um certo desconforto emocional, assim como o par analítico em sessões de análise ao contar/elaborar os sonhos.

À medida que a leitura avança, por meio das associações e aproximações, se evidencia o tema principal do livro: o conceito de tempo para a física, e como ele se relaciona com outras grandezas como a velocidade, a gravidade e o espaço. O autor percorre caminhos possíveis das naturezas do tempo, o que, talvez, Einstein tenha vivido para desenvolver a sua teoria que revolucionou a física.

Em assim fazendo, o livro passeia por uma dimensão do tempo pensada na psicanálise. Há um capítulo que discorre sobre a história de um homem de meia idade, trabalhador, casado, com dois filhos, que, “quando passa pelas pessoas na rua seus olhos estão pregados no chão”, pois, 40 anos antes, ele se urinou em sala de aula e “essa lembrança tornou-se sua vida” (p.97). Emerge no texto então a questão:

o que é o passado? Poderia a fixidez do passado ser apenas uma ilusão? Poderia o passado ser um caleidoscópio, um conjunto de imagens que muda a cada distúrbio provocado por uma brisa súbita, uma risada, um pensamento? Se a mudança está em todos os lugares, como sabê-lo? Mas, em um mundo do passado mutante, (...) lembranças são como trigo no vento, sonhos fugidos, formas de nuvem. (p.97-98)

Marcada a vida do personagem, indexada que se constituiu a partir da lembrança, o autor descreve uma maneira como os processos psíquicos criam a sua própria gestão do tempo, em função de três possibilidades que constituem a regressão, a fixação, a antecipação.

Sigmund Freud e Albert Einstein viveram em Viena durante o apogeu intelectual da cidade no final do século XIX e início do século XX. O físico, que pareceria tecer apreço pelo médico, tanto que o convidou a responder à carta “Por que a Guerra?”, relatou em sua biografia e em entrevistas que um sonho de sua infância o inspirou em sua busca pela teoria da relatividade. Ambos questionaram ideias comuns, firmemente estabelecidas, dentre as quais destaco aquelas sobre o tempo. Einstein propôs, para além da física newtoniana clássica, a teoria da relatividade especial, que descreve a relação na qual o espaço e o tempo são relativos e dependentes da velocidade do observador. Dois eventos que parecem acontecer simultaneamente para um observador podem não assim parecer para um outro observador que esteja se movendo em relação a eles. Embora Freud nunca tenha escrito especificamente sobre o tempo, sua obra contém interesse por essa questão, que está espalhada por toda ela. Em relação ao inconsciente, sua postulação fundamental é que este é atemporal, ou seja, não ordenado temporalmente e não afetado pelo tempo. Nesse sentido, em *Além do princípio do prazer*, Freud discorda da proposição de Kant de que o espaço e o tempo são formas necessárias do pensamento, afirmando que essa universalidade não se aplica aos pensamentos inconscientes. Cada instância psíquica tem seu próprio tempo e a atemporalidade do inconsciente está relacionada à referência ao tempo cronológico do consciente (Mijola, 2005).

Voltando ao livro, cabe ainda ressaltar, creio, que em seu conteúdo latente, além de provocar o leitor a pensar nas naturezas possíveis do tempo na física (e, por que não, na psicanálise), vai se desnovelando, de forma poética, em cada mundo proposto, tanto a dimensão do sensível, de “uma neblina cor de salmão trazida pelo vapor do rio” ou “o sol que espera do outro lado da ponte” (p.40), quanto, igualmente remarcável ao longo do livro, a descrição de situações corriqueiras, do amiúde e aparentemente banal do cotidiano, trama que indaga o quanto somos regidos pelo tempo e pela nossa finitude enquanto seres a cada amanhecer, e, nos meandros das madrugadas, somos lançados aos desafios do acaso.

Dessa maneira, o autor traz à consciência o que, segundo Freud, são nossas feridas narcísicas da humanidade, regidas por forças magníficas do universo, traduzidas pela física; da nossa natureza animal, sobre determinados que somos pela nossa dimensão bioquímica, e do vasto e complexo que nos tece enquanto humanos, e que, sempre presente, nos escapa e nos enreda, como o tempo.

Referências

Mijola, Alain (2005). Dicionário internacional de psicanálise. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (2001) – Interpretação dos sonhos - edição comemorativa 100anos. Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1900).

Recebido: 19/4/2023

Aceito: 15/5/2023

Evelyze Garioli Louzada

evelouzada@gmail.com